

Amores e amantes

Crônica inédita

Amores e amantes conheci, vivi e vivenciei. Foram poucas, muitas, entretanto, as lembranças de cada uma delas.

Como muitos da minha época, meus primeiros amores começaram entre 11 e 12 anos. Eram fotos de revistas, principalmente de vedetes e de nudismo, compradas em sebos, sebosas e estimuladoras. Carícias com a mão direita porque nunca fui sinistro. Com inspiração sempre presente amava e malhava cinco a dez vezes por dia.

As primeiras tentativas de namoro em festas de São João, parceiras de quadrilhas e com quem aprendi os primeiros passos de dança. Em seguida, as festas de 15 anos, os bailes carnavalescos e de debutantes, onde aprimorei as “cantadas” e os galanteios. Sonhava com todas, nenhuma em especial, acredito que fui sonhado por algumas, nada firme, nada duradouro, tudo experimental. Foi o primário de minha formação sentimental e amorosa.

Tive quatro amores, mas somente um grande e definitivo.

A primeira, como na dança de roda, foi Selma, minha vizinha de quintal dos meus 14 anos. Trocávamos olhares e adeuses, eu numa goiabeira, ela na janela dos fundos de sua casa. Depois, conversávamos nos fins de tarde, eu na bicicleta, ela na janela da frente. Por fim, “flertamos”.

Passeávamos de mãos dadas nos sábados pela comercial Rua João Alfredo - o *footing* quente das quentes manhãs paraense. Nas tardes, trocávamos carícias discretas nos bancos da Praça Batista Campos, uma das mais belas de Belém, com final regalado pelo delicioso tacacá da Jurídica, com sua Banca de Venda em frente à Faculdade de Direito, em uma outra Praça, cinco quadras abaixo, a da Trindade. Eu no selim pedalando, ela no varal, não o meu, mas o da bicicleta.

O melhor era reservado para o domingo, onde esfregávamos no escuro vespertino dos cinemas. Seus lábios eram grossos e gostosos, como não sabia usar a língua, acabei sem aproveitá-los condignamente. Seus seios eram fartos e duros seus mamilos, só lembrados pelos beliscões em minha mão é claro, claro também, um tempo depois de palpá-los. Por mais que tentasse e implorasse, não consegui sorver seus mamilos, como gostosamente sorvia um sorvete de bacuri ou açaí. Inibido, usava duas cuecas, uma delas um calção de banho, para que o ejaculado abundante do iniciante, não fosse motivo de gozação dos amigos no *the end* de cada película.

Havia vários quintais naquele quarteirão e neles, outros vizinhos. Acreditem, sem ser estrábica, Selma, paquerava de sua janela dois pretendentes, eu e um outro do quintal lateral. Este, mais competente e mais charmoso, numa quermesse colegial, levou-a, para nunca mais voltar. Foi, também, minha primeira dor de cotovelo. Praguejei o desafeto como filho da puta e veado... Conheci sua mãe, sei que não era filho daquilo, mas acabou assassinado, em 1998, por um parceiro, num hotel em Nova York, justificando um dos impropérios com que o classifiquei na época. Égua... que boca!

E assim, como na música, “meu primeiro amor, logo se acabou”, ficou, entretanto, entre tantas outras, a lembrança tamanha de ganho e de perda, de início e de fim.

A segunda nunca soube de seu verdadeiro nome. Chamava-se de Lídia, nome de guerra. Tinha 16 ou 17 anos, dizia ter 18 para poder ser puta e muitos anos mais de experiência ganhas na dureza da necessidade.

Comecei a notá-la, ou ela a mim, por gostar de passar pela “zona” no caminho de casa, ao sair do trabalho em um banco. Tinha fome de meio-dia e o ardor juvenil dos meus 15 anos. Ela quase sempre esgueirada em uma sacada de janela, onde curti sombra e barriga cheia. Ambos carentes, ela de afeição eu de tesão.

Mexia com meus brios, provocativamente, na chula língua do meretrício.

- *Punheteiro, já fudestes uma mulher ou só te satisfaz com tuas mão?*
- *Vem garotão, vem chupar e ser chupado!.*
- *Tu és baitola, moleque, não tem coragem de fuder comigo?*

E tanto provocava que um dia aceitei temeroso o convite. Entrei e compartilhei com Lúdia uma cama de solteiro, dura e gostosa. Naquele dia em que o almoço foi sobremesa, uma relação inicial e sem auge, ao custo dos trocados que tinha no bolso. Por baixo, uma jovem já afeita ao fingimento prazeroso em cima a brutalidade de um afoito iniciante. A primeira vez nada a recordar, a continuidade sim, Lúdia, a primeira amante, a primeira professora do amor, nunca saiu do meu lembrar.

Foram tantas as tardes e os meses, tanto o aprender, que explodiu no sentimento uma paixão juvenil e fiel. Foram também tempos de crescimento, espichei, magro e lépido, hoje entendo, mas pelo estirão terceiro do que pelas tardes com Lúdia, como gozavam meus amigos confidentes. Cresci entretanto com prática plena naquela cama estreita. Aprendi a esperar. Gozava e a sentia gozando quando sem sussurros profissionais, apenas calada e sorridente terminava a relação. Aprendi o prazer de tê-lo, mesmo sem ele, quando via em Lúdia o sorriso silencioso.

A ilusão acabou numa noite em que fui trocado por um freguês mais abonado. No dia seguinte a vi chorando em sua janela de sombra seresteira ao ser rejeitada pelo moleque, agora macho rejeitado. Evitei a rua, a zona e a Lúdia. Semanas depois, saudoso, voltei a rua e notei a janela fechada. Suas amigas me informaram que ela tinha se ido com um plantador de banana, no Baixo-Amazonas, terras de onde tinha vindo.

Nunca mais soube da Lúdia. Hoje, imagino, até para manter a lembrança da ilusão, que de certa forma, que eu amei Lúdia e ela me amou.

A terceira, foi Carmem Lúcia, bonita, capixaba, esbelta, cabelos negros, ondulados e longos, olhos azuis, gostosa e moradora de Macapá, lá no outro lado do grande braço da foz amazônica.

A conheci durante uma excursão do time de basquete do Colégio Salesiano ao, na época, Território Federal do Amapá, e eu nesta. Visitamos e jogamos na Serra do Navio, onde se explorava manganês. Em Macapá, foi o segundo e terceiro jogo. Perdi nos jogos, ganhei no amor.

Um clube local, uma festa vespéral de confraternização. Nossos olhares, nem se cruzaram, se uniram como forças paralelas de impressionante tração. Sem convites, sem medidas, sem apresentações. Braços armados e inversos, meu direito em sua cintura, sem esquerdo em minha nuca, os restantes cruzados, mãos apertadas. Troca de nomes como nos filmes de Tarzan: *mim* Fernando Augusto, *mim* Carmem Lúcia, nem tu, nem eu, só nós. As músicas esquecidas e dançadas foram apenas cúmplices do encontro. E o encontro foi tal, que começamos a dançar, pares, sem erros, como velhos parceiros.

O mundo parou, a noite caiu, mas não amanheceu. Insone, guardei-me vigil para o encontro marcado no domingo seguinte. Uma praça qualquer, sem nome e sem descrição, nela a mais bela moradora da cidade. Para ela, descrito em carta, "...o mais interessante daqueles excursionistas, o amor que antecipei em sonhos videntes...".

As escadarias do Fórum de Macapá, a primeira rua margeante ao rio estimuladas pela brisa, a penumbra do fim do dia, cujo sol morria inverso para o jovem de além ilhas e milhas, foram todos, testemunhas de um amor inesquecível.

Carícias sôfregas e crescentes. Beijos inicialmente inocentes, logo bocas e línguas que se chupavam. Mãos que não se intimidavam nos íntimos de cada um. Seios e sexos beijados adultamente. A conclusão por uma cópula tão infantil, tão ligeira, tão fugaz que o jorro do prazer aconteceu antes da total penetração, sem sangue e sem dor, na complacência de um hímem amplamente lubrificado.

Foi assim como depois confidenciamos, nossa primeira experiência sexual. E eu, sem duas cuecas ...e ela, sem duas calcinhas. Roupas molhadas de inocente

necessidade e espontaneidade indecente, um prazer puro e pecaminoso, secadas após longo passeio pela orla escura. No dia seguinte, voltava para Belém, apaixonado e nostálgico. A primeira transa pós-Lídia, orgulhosamente com a primeira namorada, fato excepcional para os dias de hoje, onde o estar com, sair com, ficar com, banalizaram o superar do cabaço. Talvez antes conquista e complicação, talvez hoje realismo e simplicidade. Com certeza romance para qualquer época.

Foram mais dez cartas trocadas, declarações de amor eterno e até planos de casamento.

Voltei três vezes a Macapá para encontrá-la. Embora trabalhando como bancário o dinheiro era insuficiente para avião. Ia de barco, destes que cruzam os rios amazônicos conhecidos como “gaiolas”. E haja balanço na Baía do Marajó. Foram os meus primeiros sonhos em redes balançadas pelo jogo das ondas...

Saía sexta-feira à noite, dizendo em casa que ia estudar no sítio de um colega. Chegava em Macapá, no sábado, quase no fim da manhã. A tarde, encontrava as ondas, o quebra mar, a orla, o fim de tarde, as escadarias do Fórum, e claro, Carmem Lúcia, nossos tesões e nossas carícias. No domingo, já pela manhã, estava de novo no barco, pois o retorno era mais demorado, mais subida do que descida de rio.

Carmem Lúcia veio uma vez a Belém, ela e a irmã Perla, com intuito de visitarem familiares e escolher colégios que facilitariam suas entradas na Universidade, não existente no Amapá. Foi um encontro curto quando já se esvanecia um promissor amor à primeira vista. Depois do encontro em Belém, nunca mais a encontrei. A última notícia me deu um dia sua irmã, contemporânea universitária na Escola de Serviço Social, contando-me que, apaixonada e chateada pela fuxicada das grandes bocas da pequena Macapá, sua irmã escolhera Vitória para cursar a Universidade.

Distância, comunicação difícil, sem telefone (só rádio na época), cartas onde justificativas e explicações substituíram as juras de amor eterno, ansiedade, imaturidade, assim feneceu meu segundo amor. Foi eterno enquanto durou e ternamente permanece nas entranhas do meu recordar.

Além da primeira, lembro bem da última relação, numa praia distante. Aquela, por um preocupante atraso menstrual entre juras e compromissos; esta, entre compromissos e juras, o alívio de um retardado climatério. O medo gestacional acabou vencendo a permissão amorosa, nunca mais transamos. Minhas mãos, debaixo das cobertas, por muito tempo, mantiveram viva a saudade daquele domingo e da praia amapaense.

Ó liberalidade! Ó camisinha! Ó sexo seguro! Por que chegaram tão tarde...

Em noites de solidão, sonho com uma garota de olhos azuis, cabelos negros, corpo torneado, cujo rosto não consigo delimitar... É quase certo que seja Carmem Lúcia, a gostosa de Macapá...

Meu quarto amor, “foi aquele que ganhou meu coração”, meu corpo, meu tesão, minha razão. Foi o maior, o duradouro, o definitivo. Difícilmente superável por quantos possa ainda vivenciar daqui para frente.

Margarida, a difícil, a persistente, a organizada, a companheira, a camarada, a polêmica, a amiga, a esposa, a mãe de meus filhos. São tantas as qualidades e os defeitos convividos que, tornam-se pequenos os espaços para descrevê-los.

Guardei as lembranças para um outro texto, até por que antes de escrever sobre Margarida é melhor viver e amar Margarida. Uma longa historia plena de estórias que um dia será dignamente documentada.